



ECOLOGIA VIRIATO SOROMENHO MARQUES

A guerra pelo futuro

Quando se pensa no futuro de Portugal, com apenas um pouco de lucidez, é impossível não sentir um calafrio. Na Europa nenhum país parece tão impreparado para os sombrios cenários de futuro que se avizinham. Uma população envelhecida, habitando num território desordenado e abandonado, em que quase 6% da área total (incluindo Açores e Madeira) ardeu em quatro meses (entre junho e outubro de 2017). Olhando para a frente há perguntas sem resposta. Quando este ciclo de mundialização se desvanecer (a essência dos ciclos temporais é serem efémeros), quando o mercado mundial se reduzir, ou implodir, como já aconteceu entre 1914-1918, e entre 1929-1945, onde e como vamos alimentar a nossa população?

O futuro vai trazer uma aceleração ainda maior das alterações climáticas, com mais desertificação, mais pressão sobre os recursos



hídricos, mais fortes crises de segurança alimentar. Na fragmentação desgovernada para onde as ruínas da moribunda União Europeia (UE) vão desaguar, ninguém pense que será possível manter o comércio regular que a paz e uma moeda comum garantem. Depois do colapso da UE - que só uma muito improvável série de milagres poderia travar - o acesso ao mercado de cereais será muito mais difícil e oneroso, no caos de novos e frágeis sistemas monetários e de guerras entre credores e devedores a que a Europa regressará. Além disso, os países europeus com saldo agrícola positivo, devido a anos agrícolas cada vez mais incer-

tos, tenderão a aumentar as suas reservas em vez de canalizarem os seus excedentes para a exportação. Como é sabido, apesar das melhorias na agricultura na balança comercial, Portugal não é autossuficiente em cereais. Apenas exportámos trigo entre 1839 e 1855, e no biénio de 1934-1935, no auge da “campanha do trigo”, que se explica, justamente, por uma brutal diminuição do comércio mundial após o “crash” bolsista de 1929.

O futuro, porém, também nos reserva o aumento da erosão e intrusão costeiras, com a acelerada subida do nível médio do mar (NMM). Portugal, que deve a sua existência



“ Não consigo ver nas atuais ‘forças vivas’ músculo moral e vigor intelectual para mobilizar e preparar o nosso povo para transformar o futuro ”



Data: 22.11.2017

Título: A guerra pelo futuro

Pub:

JL

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Nacional

Pág: 30



à sua imensa linha de costa vai ter de seleccionar onde deverá ser feito investimento para proteger por mais algumas décadas esta ou aquela cidade, esta ou aquela infra-estrutura. Mas, se pensarmos a 100 anos, iremos assistir a um movimento populacional inverso ao do século XX. Com imensa probabilidade, e isto se formos poupados nesse longo período a uma guerra mundial com

armas de destruição maciça, assistiremos a um aumento da população nas cidades do “interior”, e a uma gigantesca destruição de ativos e património, construído e natural, nas zonas litorais.

Lamento muito, mas não consigo ver nas atuais “forças vivas” do nosso país, o músculo moral e o vigor intelectual que poderiam mobilizar e preparar o nosso povo

para transformar o futuro, apesar das suas enormes ameaças, em algo de habitável. No limite, trata-se de um teste à sobrevivência do próprio regime democrático. Se este falhar na guerra pelo futuro, isso significará que o despotismo, como no passado, poderá voltar a ser visto como uma ilusória alternativa para vencer os desafios imensos que nos aguardam. **JL**

Área: 316cm² / 37%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 5924132